

COLÓNIA PENAL DE TARRAFAL DE SÃO NICOLAU

VESTÍGIOS

de um passado opressor

História



A escolha de Cabo Verde como destino de degredo para os opositores ao sistema ditatorial que vigorou em Portugal durante parte do século XX, não começou com a criação do campo de concentração do Tarrafal de Santiago, em 1936. Cinco anos antes, um outro Tarrafal, o de São Nicolau, servira de colónia penal aos republicanos presos na sequência da revolta que, comandada pelo general Sousa Dias, foi desencadeada no Funchal, Madeira, em Abril de 1931. Os vestígios desse espaço, que acolheu os deportados durante quatro anos, ainda resistem ao tempo mas podem desaparecer face à crescente especulação imobiliária que já chegou ao Tarrafal de São Nicolau. Urge, portanto, uma intervenção de quem de direito, ou seja, o Instituto da Investigação e do Património Cultural.

Um padrão, no alto de João Baptista, mais as fundações e parte do piso de alguns alpendres são os únicos vestígios de uma época comum a história de Portugal e Cabo Verde. A colónia penal de Tarrafal de São Nicolau nasceu, em 1931, da necessidade que o regime de Gomes da Costa tinha de conduzir ao exílio cerca de 200 homens presos na sequência de uma tentativa abortada de revolta, a 4 de Abril do mesmo ano, dirigida pelo general Sousa Dias, a partir da cidade do Funchal, Madeira.

O levantamento militar, que se estendera aos Açores e à Guiné-Bissau, apoiado pelos coronéis Fernando Freiria e José Mendes dos Reis e pelo tenente Manuel Ferreira Camões, foi sufocado a 2 de Maio. Nesse mesmo mês começaria o desterro dos revoltosos detidos pelo poder instaurado. Chegados ao seu exílio, desembarcaram na localidade de Preguiça, seguindo depois a pé para a vila da Ribeira Brava, com passagem por Caleijão e Ladeira da Lapa, ao som de cornetas e tambores, tocados pelos “indígenas”. (Com esta designação o regime colonial criou um estatuto especial para uma categoria de cidadãos em algumas das suas colónias. Do grupo de indígenas não fazia parte Cabo Verde por se entender que os cabo-verdianos, pela sua ilustração e costumes, bem podiam ser considerados uma espécie não indígena).

Medidas de segurança ditaram a divisão dos desterrados em dois grupos, sendo um instalado no ex-seminário-liceu da Ribeira Brava e o outro conduzido ao Tarrafal. Aí, por não existir qualquer infra-estrutura que pudesse acolher os deportados, erigiram-se alpendres, com material pré-fabricado directamente importado da Alemanha, no alto conhecido por João Baptista. Recrutaram pedreiros dos povoados vizinhos, devido à escassez de população no Tarrafal, entre eles o sobrevivente José Duarte Lopes, carinhosamente chamado Djilipse pelos amigos.

“Nessa época, ainda eu morava na vila da Ribeira Brava e Joaquim Lopes dos Santos, meu contemporâneo no seminário-liceu, conseguiu arranjar trabalho como mestre de obra na construção da colónia penal e cha-

KRIOLIDADI



mou-me para ir trabalhar com ele e vim”, diz ele ao **Kriolidadi**.

Hoje octogenário Djilipse lembra que ele e outros rapazes vindos de diversas localidades - de Palhal, Hortelã, Ribeira dos Calhaus, dentre outras - trabalharam pedras de cantaria, que serviriam de cunhais, levantaram as fundações e cimentaram o piso sobre o qual seriam levantados os alpendres. Concluído o trabalho, ali moraram durante quatro anos - em regime de encarceramento - militares de alta patente e funcionários públicos.

AMOR E DISCRIMINAÇÃO NA CONVIVÊNCIA COM OS MORADORES

Um encarceramento mais no papel que de facto, pois dadas as dificuldades para alimentar todo o contingente, os exilados foram colocados em regime semi-aberto, com subsídio de alimentação de 630 escudos mensais, conforme a classe social e categoria profissional a que pertenciam.

Aliás, como recorda José Lopes, *“algum tempo depois, era tanta a liberdade desses deportados que até arranjavam namoro com as moças que moravam aqui no Tarrafal e chegavam até a viver com elas na mesma casa e tiveram filhos, situação que foi duramente condenada pela Igreja Católica”*.

Uma *“liberdade”* que, segundo pesquisas realizadas por José Cabral, actual vereador da Cultura, influenciou e revolucionou os hábitos da população local. *“As mulheres abandonaram os vestidos compridos que lhes cobriam os pés, para usarem indumentária bem mais curta, passaram a usar blusas decotadas e tiraram o lenço da cabeça. Por isso, as famílias importantes e tradicionais da ilha não permitiam que as suas filhas tivessem contacto nem frequentassem ‘bailes de deportados’”*. Ainda assim, afirma Cabral, *“o contacto foi inevitável”*, como provam os descendentes desses revoltosos que povoam a zona, muitos deles de pele branca, cabelos finos e olhos claros.

Em 1935, foram amnistiados, à excepção dos considerados perigosos, com o governo português a comprometer-se a pagar todas as despesas dos ex-presos que decidissem regressar a Portugal. *“Os que queriam permanecer em Cabo Verde ficavam por sua conta e risco, sem qualquer remuneração da parte do governo colonial. E, mais, tinham que arranjar um fiador, que ficasse responsável por eles e pudesse assumir as despesas de regresso a Portugal, caso*

mudassem de ideia”, conta Djilipse. A maioria regressou à terra natal, a ilha da Madeira, mas outros, principalmente aqueles que já tinham formado família, ficaram.

A TROCA DA MADEIRA POR SÃO NICOLAU

De entre eles destaca-se o Dr Camões que, depois de amnistiado, foi viver em Lombo Pelado, mais concretamente na Goiabeira, onde ergueu residência e estruturou uma família. Um homem a quem, na opinião de José Cabral, *“São Nicolau muito deve, sem nunca ter merecido o devido reconhecimento das autoridades locais, não obstante a devoção que as gentes do seu tempo, apesar dos anos, ainda lhe dedicam”*.

Médico, tão logo lhe foi possível, dedicou-se à sua profissão com tamanha abnegação que, conta Cabral, com base em testemunhos ouvidos de pessoas que conviveram com Camões, *“quando era acometido de reumatismo, que o impedia de se locomover, preferia “transferir residência” para a enfermaria, construída por Frank Nhinhone, durante a 2ª Guerra Mundial, e mais tarde transformada no Centro de Saúde de Ribeira Brava. E, assim, estando no hospital, mesmo convalescente, podia tratar e medicar os seus doentes”*.

Quem também ficou foi Joaquim Loureiro Rabaça, devido à intervenção do seu pai, que receava outro envolvimento do filho em questões políticas. Por isso, escreveu a António Assis Cadório (natural de Salvaterra de Magos, Portugal), dono da Sociedade Ultramarina de Conservas, actual fábrica Sucla, propondo-lhe a admissão de Joaquim Loureiro Rabaça como sócio da empresa. Rabaça nunca mais regressou a Portugal, tendo falecido no Tarrafal, de onde foi levado a sepultar na Tabuga. *“Repousou por algumas horas na casa de Nha Concha de José de Mané Gáida, antes de seguir a enterrar, sem padre, transportado nos últimos metros por trabalhadores da Fábrica - entre eles Djilipse, Ildo Freitas, e Pinheiro-num pesado caixão de carvalho construído pelo próprio Djilipse”*, afirma o vereador de Cultura.

O major Filipe de Sousa, localmente conhecido por Majorona, foi outro que ficou em São Nicolau. O ex-deportado nunca regressou a Portugal, tendo fixado residência na Ribeira Brava, vila onde aliás se encontra sepultado. Com sua mulher e filhos ocupou a mesma casa onde durante anos residiu o Cónego Correia.

Os três homens viram o espaço que lhes serviu de mo-

radia ser desmantelado em 1936, na sequência da reforma prisional, em Portugal, que previa que os criminosos políticos fossem enviados para *“colónias penais no Ultramar”* ou encarcerados em estabelecimentos especiais. Entre tais edifícios estava a colónia penal de Cabo Verde, no Tarrafal de Santiago oficialmente criada a 23 de Abril do mesmo ano. *“O carpinteiro que foi contratado para desmantelar as casas, o André de Nhã Marê Lanta, convidou-me para trabalhar com ele, pois era muito trabalho para um homem só. E, assim, fomos nós dois a desmontar aquelas oito casas pré-fabricadas. E ficaram só as bases, que ainda lá estão”*, afirma Djilipse, frisando que as peças pré-fabricadas, conforme decreto vindo de Portugal, foram enviadas para o outro Tarrafal, sito em Chão Bom, ilha de Santiago.

O SONHO DE UM MUSEU

Do campo de concentração do Alto João Baptista restam apenas as fundações, parte do piso e um padrão. *“Ainda há tempo para preservá-los, antes de serem apagados pela especulação imobiliária que chegou a São Nicolau”*, afirma José Cabral, que acusa o Ministério da Cultura e a gestão anterior da Câmara Municipal de *“nunca terem feito nada para conservar esses vestígios que testemunham uma parte da história da ilha de São Nicolau, desconhecida de muitos”*.

Entre estes estiveram durante muito tempo, segundo Cabral, a direcção e os técnicos do Instituto da Investigação e do Património Cultural que, entretanto, já foram informados pelo vereador sanicolauense sobre esse sítio histórico. *“Já fiz uma proposta ao IIPC no sentido de virem a São Nicolau ver o local e decidir-se o que se pode fazer, mas ainda não me responderam”*, refere José Cabral, que, apesar de ter formação na área económica, tem-se dedicado nos últimos anos à investigação da história da sua ilha natal e, em particular, da colónia penal do Tarrafal.

O vereador da Cultura, que diz já ter feito o levantamento topográfico do local, propõe, uma vez que se trata apenas de ruínas, que se reconstruam as bases de pedra, com material local, e seja erguido no Alto João Baptista um museu, onde nacionais e turistas poderiam conhecer os pormenores desse capítulo da história comum de Portugal e Cabo Verde. *“Já é altura de se fazer justiça a São Nicolau, ilha à qual se tirou o que tinha, à revelia da população que nunca viu a sua história e o seu património valorizados”*.

KRIOLIDADI

Agenda Cultural

O rapper franco-cabo-verdiano Izé apresenta-se em concerto no próximo dia 7 de Abril, quinta-feira, na sala "Babalú", em Paris. Um espectáculo em que o músico natural de Santiago, representante assumido do rap cabo-verdiano em França, interpretará temas dos seus dois CDs a solo, Double Nationalité e Mobilizé.



O Kafuka Cine-Clube projecta no domingo, no Palácio da Cultura Ildo Lobo, o filme "Belleville Rendez-Vous", de Sylvain Chomet, e na próxima terça-feira, "O Sétimo Selo", de Ingmar Bergman. Como forma de assinalar o final de Março, mês da mulher, o Kafuka exibirá no dia 31, no PC, o filme "Dez", do iraniano Abbas Kianostami, centrado no quotidiano de uma mulher divorciada. À projecção seguir-se-á "música, poesia e surpresas", segundo a organização.



"Arte feita por Mulheres" é o tema da exposição que está patente desde ontem, 24, no Centro Cultural do Mindelo. A mostra, que vai dos bordados à pintura, do batik à tapeçaria, é uma iniciativa da Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), em São Vicente.



A dupla Rosy Timas e Bety Fernandes, da Raiz di Polon, está a três espectáculos do fim da digressão de "Duas sem Três" pelo continente africano, passado um mês e meio. Amanhã, 26, actuam no Centre Culturel Français de Bujumbura, no Burundi. As duas bailarinas cabo-verdianas seguem depois para o extremo oriental de África, onde apresentarão a mesma peça a 30 de Março na Alliance Française d'Asmara, capital da Eritreia, e 2 de Abril na Alliance Française de Nairóbi, no Quênia.

Maria de Barros apresenta amanhã, 26, na sala Venus de Milo, cidade de Swansea, Massachusetts, o seu segundo CD a solo, "Dança ma mi". Um concerto em que se fará acompanhar de outros artistas cabo-verdianos, dentre eles Djosinha, Calú Bana, Jack Pina, Lutchinha, Jacqui da Graça, Cândida Rose, Bela Mendes e Djuta Barros.



O Parque 5 de Julho na Praia vai ser palco, amanhã, de um festival de batuque promovido pela organização Citi Habitat. A abertura do evento, enquadrado no projecto "Comunidade na Prevenção ao HIV/SIDA", lançado pela organização, está marcada para as 8h30.



Os dez grupos de batucadeiras da Praia vão ser distinguidas com Diplomas de Mérito. A cerimónia decorre amanhã, a partir das 17 horas, na Biblioteca Nacional. Durante a entrega dos galardões, feita pelo ministro da cultura, Manuel Veiga, o batuque tomará conta do ambiente, com as batucadeiras a vivo e a cores no "dã ku torno".



United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



"Recordações checas na UNESCO" é o título da exposição fotográfica que decorrerá nos Paços de Concelho da Praia, entre os dias 24 e 30, e que versará sobre o património cultural da República Checa. A mostra viajará depois até S. Vicente, onde espera visitar entre os dias 1 e 9 de Abril, no Centro Cultural do Mindelo.

Está já disponível o regulamento da edição de 2007 do Prémio Mário António, que na próxima edição contemplará textos de teatro. Este galardão, instituído pela Fundação Calouste Gulbenkian, pretende distinguir, de três em três anos, obras de autores da África lusófona ou de Timor-Leste, publicadas no triénio anterior. A angolana Ana Paula Tavares e o cabo-verdiano José Luís Tavares foram os premiados *ex-aequo* da última edição.



O Centro Cultural Português promove amanhã, a partir das 16 horas, uma palestra intitulada "A função social do teatro", orientada pelo encenador Wilton Alexandre. No mesmo dia, pelas 19 horas, o CCP apresenta em estreia absoluta o novo grupo de teatro Cena Aberta, que levará a palco a peça "As paixões de Molière". Já no domingo, entre em cena a peça "Jornada di un Badiu", encenada pelo grupo Fládu Fla.



O próximo domingo será marcado por um espectáculo cultural no Auditório Jorge Barbosa, em homenagem à mulher cabo-verdiana. Desta forma, actuarão nesse espaço, a partir das 20h15, Lena França, Terezinha Araújo, Teté e Sara Alinho, Batucadeiras de Monteagarro, Arcelinda Barreto, Mizé Badia, o guitarrista Pedro Moreno e o grupo de dança Bibinha Cabral. A cerimónia contará ainda com a declamação de poemas por Fátima Bettencourt, Margarida Moreira Alves, Filinto Elísio e Manu Preto.



KRIOLIDADI

SUSANA LUBBRANO

regressa aos palcos



Com uma série de espectáculos pela Europa e Estados Unidos da América, Susana Lubrano retoma a sua vida artística no próximo mês de Abril, depois de ter dado à luz um par de gémeos no início deste ano. Concertos com um repertório que inclui os maiores êxitos da sua carreira a solo e o single bilingue "Silêncio" - a letra foi escrita por Susana Lubrano no ano passado, em homenagem ao adolescente Sedar Soares, morto a tiro, em Fevereiro de 2003, em Roterdão.

Algarve, região Sul de Portugal, é o primeiro ponto da nova digressão de Susana Lubrano. O espectáculo é a 2 de Abril, sábado. Ainda em Portugal, a cantora, eleita Melhor Artista Femi-

nina de África, nos Kora Awards 2003, viaja depois para o Norte, onde no dia 16 dará um concerto na cidade do Porto.

Susana Lubrano, que este ano foi incluída na lista das 100 Mulheres Promessas da Holanda, pela revista Blvd, atravessa a seguir o Atlântico para poisar em Washington, D.C. Ali, no dia 22, dará um espectáculo no Omni Shoreham Hotel, como convidada da Conferência Connecting The Global Cabo-Verdiano Nation.

O grande show, entretanto, está agendado para Boston, região da Costa Leste dos EUA que acolhe, talvez, a maior comunidade cabo-verdiana residente naquele país e onde Susana Lubrano conta com inúmeros

fãs. Prevê-se, por isso, uma corrida aos bilhetes do espectáculo, que é no dia 29 de Abril.

No regresso à Europa, continente onde já actuou de Norte a Sul, inclusive nos países escandinavos, a cantora cabo-verdiana só voltará a actuar a 14 de Maio, em Roterdão, cidade holandesa onde reside desde que deixou o seu Tarrafal natal.

Paralelamente, por intermédio de um DVD sobre prevenção do HIV/SIDA dirigido a crianças e produzido pela organização Web Foundation, Susana Lubrano vai-se tornando cada vez mais conhecida em África, principalmente na região austral, pois é ela que interpreta a canção-tema desse projecto, cantado em inglês.

Teresa Sofia Fortes

Música

MAYRA PARTICIPA NO NOVO DISCO DE CHARLES AZNAVOUR

Mayra Andrade gravou recentemente uma das faixas do novo disco de Charles Aznavour. A música "Je dance avec l'amour" junta num dueto imprevisito, a voz da intérprete cabo-verdiana em início de carreira com a de uma lenda viva da música francesa, Charles Aznavour aplaudido e reconhecido em todo o mundo.

Segundo uma fonte de Kriolidadi, a faixa tem uma sonoridade "típicamente francesa, muito bonita", e levou Mayra a afirmar "que é uma daquelas músicas que quanto mais se ouve, mais se gosta".

De acordo com a mesma fonte, o convite para a participação da intérprete cabo-verdiana no disco, poderá ter chegado através de Kátia Aznavour, filha do cantor, que

mantém com Mayra uma relação de amizade. "É bem provável que Charles Aznavour tenha ouvido a voz de Mayra pela primeira vez através da sua filha", afirma.

Embora em circunstâncias diferentes, "os percursos que traçaram o início das carreiras de Aznavour e Mayra aproximam-se", como realça a fonte de Kriolidadi, que compara: "Ambos partiram de um pequeno país, ele da Arménia, ela de Cabo Verde, e chegaram à França, onde tiveram que lutar para conseguir ganhar o seu cantinho na música". De facto, da mesma forma como Aznavour abre o seu espaço artístico à voz de Mayra, também ele recebeu no início da sua carreira o impulso da diva da música france-

sa, Edith Piaff.

A importância deste duelo com Aznavour para a projecção de Mayra como intérprete ultrapassa o terreno especulativo para a catapultar Mayra para novos voos, outros desafios e mais ousadias. É só ver que numa sondagem feita na Internet pela CNN e pela revista norte-americana Time, Aznavour foi eleito o "Artista do Século", ficando inclusivamente à frente de "monstros sagrados" como Elvis Presley ou Bob Dylan. A participação no novo disco, cujo nome ainda não foi divulgado, poderá significar a abertura de muitas portas à jovem voz cabo-verdiana que, recorde-se, ainda não gravou nenhum trabalho.

MP/PMC



Ferro-Gaita vai à Itália

Ferro Gaita realiza nesta época pascal uma digressão por França e Itália, país onde o grupo actua pela primeira vez, com espectáculos nas cidades de Paris e Lyon, Roma e Milão, respectivamente. E junto com os planos de viagem, está a inauguração oficial do site dos Ferro-Gaita na internet (www.ferrogaita.cv), no próximo mês de Maio. E em Julho, temos um documentário em DVD com a história do grupo e que traz os video-clips até hoje produzido, como bónus.

A agenda de espectáculos dos Ferro-Gaita abrange, entretanto, outros países da Europa, América do Norte e África, até o próximo mês de Setembro. O grupo, que é um dos convidados a actuar na Conferência Connecting The Global Cabo-Verdiano Nation, no dia 22 de Abril, num concerto no Omni Shoreham Hotel, aproveita a viagem aos EUA para mais dois concertos, um em Boston, para a co-

munidade cabo-verdiana e outro em Nova Iorque, para os americanos.

Em Maio, o conjunto actua no Festival da Gamboa 2005 regressando depois à Itália. A partir de Junho, Ferro-Gaita desloca-se a Portugal, Bélgica e Holanda. E como o verão é época de festivais, o Ferro-Gaita é também convidado de honra nos eventos quer no país quer no estrangeiro, neste caso, no Canadá e em São Tomé e Príncipe.

De olho na celebração dos seus 10 anos de existência, o grupo prepara-se para assinalar a data com pompa e circunstância. O Ferro Gaita, cuja marca registada são espectáculos cheios de energia, vai assinalar o 10º aniversário como grupo, por entre o lançamento de um CD/DVD de um concerto "ao vivo", realizado no país, além de espectáculos e outros eventos.

Teresa Sofia Fortes

KRIOLIDADI

"MAR ALTO", NOVA PEÇA DO GTCCPM/ICA

Homenagem a Eugénio Tavares

Numa jangada à deriva, em pleno oceano, três náufragos, muito bem vestidos, enfrentam um problema sério: a comida acabou. Numa decisão radical, resolvem que um deles deve ser devorado pelo bem dos outros. Porém, quem deve ser sacrificado? É possível defender um conceito de justiça numa situação destas? Questões suscitadas em "Mar Alto" - a nova peça do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo/Instituto Camões - que estreia hoje, 25, às 21h30, no Março Mês do Teatro, e que reúne a obra de Mrozec e crónicas do poeta cabo-verdiano Eugénio Tavares.

Interpretado pelo quarteto Anselmo Fortes, Fonseca Soares, Manuel Estevão e Paulo Santos, "Mar Alto" expõe, segundo João Branco, director do GTCCPM/ICA, "a complexidade das relações humanas através de situações simples, utilizando para isso o teatro do absurdo, a comédia, a farsa e a caricatura, numa maneira divertida de discutir as formas de agrupamento social, seja numa nação, seja num bairro, numa classe ou num grupo de amigos, onde sempre haverá líderes, aqueles que os seguem e as vítimas desta liderança".

Em suma, segundo Branco, que na montagem de "Mar Alto" se desdobra nas funções de encenador, cenografista e director artístico, partindo de uma adaptação colectiva, esta peça é, acima de tudo, "uma metáfora poderosa de sistemas

políticos e sociais, onde cada vez mais a luta política se radicaliza, e onde não há espaço para uma intervenção pública que não seja de imediato conotada com um dos principais partidos políticos". Por isso, neste contexto, declara o director do GTCCPM/ICA, "abençoado seja Eugénio Tavares que, enquanto cronista e jornalista, escreveu com notável sabedoria e ousadia sobre os problemas do arquipélago".

É esta postura de coragem de Eugénio Tavares, "cuja obra revela a dimensão humana e intelectual de um dos homens mais brilhantes da historiografia cabo-verdiana", que inspirou "Mar Alto", peça esta que, conforme avaliação de João Branco, "é uma das mais políticas que encenámos até hoje, numa época em que se discute muito sobre o papel do teatro enquanto instrumento de crítica e transformação social". "Mar Alto", que volta à cena nos dias 26 e 27, sábado e

domingo, às 21h30 e 20h30, respectivamente, é assim, um grito de alerta para a situação de marginalização para a qual, cada vez mais, as minorias tendem a ser confinadas.

Teresa Sofia Fortes

Grupo de Teatro do Centro Cultural Português / ICA
35.ª Produção Teatral

Mar Alto

A partir de Mrozec e Eugénio Tavares



Encenação e Cenografia
João Branco

Interpretação
Anselmo Fortes - Fonseca Soares - Manuel Estevão - Paulo Santos

25, 26 e 27 de Março / Centro Cultural do Mindelo

Estou certo de que os homens devem morrer, pois que é chegado o Reino dos Parusitas
Eugénio Tavares

Patrocínio Oficial do Março Mês do Teatro
CVTelecom

Patrocínio Institucional
Apoio
teve

Batuque vai ser tema de documentário



Praia começa gravar na próxima semana um documentário sobre a tradição do batuque. O projecto, integrado no AfricaDOC, é financiado pela televisão francesa RFO, que o enquadrará na sua grelha de programação, no âmbito da comemoração do trigésimo aniversário da independência de Cabo Verde.

É o primeiro filme realizado e produzido por Júlio Tavares que pretende, com este documentário, "abordar o batuque sob um ponto de vista marcadamente sociológico, tendo como pano de fundo a história" desta sonoridade típica de Santiago. O guião girará em torno de uma personagem - o líder e mentor das Batucadeiras da Achada Grande de Trás, da Praia, o

Naná. E é através do Naná que ingressa então, de forma transversal, no passado e presente desta tradição, revelando as suas dinâmicas e os seus contextos, e arriscando até a "esclarecer sobre os possíveis caminhos futuros do batuque", segundo o jovem realizador e produtor.

Com uma previsão inicial de quinze dias, a iniciar na segunda semana de Abril, as filmagens deverão estender-se "um pouco mais além da data inicialmente definida", para poder captar "imagens do dia do município da Praia a serem usadas no documentário", afirma. O realizador espera agora a chegada de uma equipa de operadores e produtores franceses, para dar início à rodagem

deste filme, que será co-produzido pela Silvão Produção Filmes, a sua produtora, e a portuguesa EBX Filmes.

Este projecto foi seleccionado pelo AfricaDOC, um programa de formação na área do cinema documental destinado a dar formação em técnicas audiovisuais a ajudar na implementação de projectos de realizadores independentes da África lusófona e francófona. O programa, que se encontra agora na sua primeira fase, encerrará com a apresentação dos trabalhos seleccionados, numa sessão em que estarão presentes televisões e instituições internacionais do audiovisual com vista a possíveis co-produções e financiamentos.

PMC

KRIOLIDADI

CASA DA BANDEIRA abre as portas em Abril



Cerimónia

A Casa da Bandeira abrirá oficialmente as portas no próximo dia 26 de Abril, em cerimónia que será presidida pelo primeiro-ministro, José Maria Neves. A inauguração desse espaço cultural, que está instalado num edifício do século XIX, estilo colonial, junto ao Presídio, em São Filipe (Fogo), coincidirá com o arranque da tradicional festa-da-bandeira que se estende até ao mês de Maio.

Iniciativa da Associação dos Amigos das Bandeiras do Fogo (Amibandeira) e de um grupo de personalidades naturais da ilha do vulcão, a Casa da Bandeira possui um anfiteatro com capacidade para 300 pessoas, um es-

paço para montagem de um museu, bem como um quintal tradicional. É nesse espaço que acontecerão algumas das actividades ligadas à festa da Bandeira, nomeadamente a matança dos animais, o "pilon" e a confecção dos pratos tradicionais durante quatro dias, de 27 a 30 de Abril.

Actividades que contarão com a presença das mais altas autoridades nacionais, os presidentes da República e da Assembleia Nacional, Pedro Pires e Aristides Lima, respectivamente. Entidades de quem os dirigentes da Casa da Bandeira esperam apoio no sentido da angariarem mais fundos, pois, segundo Jorge Pires, da Amibandeira,

"precisamos de dinheiro para algumas obras e compra de mobiliário, que ainda está incompleto".

Meios que se tornam ainda mais necessários se o governo cumprir a promessa de ceder todo o edifício à Amibandeira. Neste momento, parte do imóvel é ocupada pela delegação do Ministério das Finanças, mas Jorge Pires prevê, com base em informações avançadas pelo executivo, que a filial do MF será transferida para um outro edifício até ao final deste mês deixando todo o espaço para esta que é uma das mais sagradas tradições da ilha do Fogo. É a bandeira a ter a dignidade que merece no património nacional.

Teresa Sofia Fortes



TCHALÊ FIGUEIRA, FICCIONISTA, LANÇA "O SOLITÁRIO"

Às bancas nacionais chega na próxima terça-feira, 29, "O Solitário", a primeira obra de ficção do Tchalê Figueira. O livro, que é uma homenagem do artista plástico ao escritor e também amigo Gabriel Mariano, será apresentado nesse mesmo dia pelo escritor Germano Almeida, numa sessão que terá lugar no Centro Cultural do Mindelo, às 18 horas, na presença de Joaquim Morais, presidente do IBNL, editora do livro.

Classificado pelo autor como um apelo à humanidade no sentido dele tomar consciência das consequências calamitosas que a ambição desmedida de uns deixa de herança à maioria da população mundial, "O Solitário" decorre num arquipélago distante, que poderia muito bem ser Cabo Verde, cuja população um dia se vê confrontada com a notícia de que as ilhas vão desaparecer do mapa na sequência de uma tempestade de areia.

Mas esse aviso aparentemente amigável tem por detrás interesses escusos, talvez de multinacionais poderosas, que o personagem central do livro, um jovem que foi educado por Jesuítas, acaba por descobrir. Mesmo assim, a população arquipelágica acaba por ser evacuada, restando-lhe apenas um futuro incerto, mesclado com sentimentos de descrença e esperança, que o leitor só poderá desvendar no final da leitura das cerca de cem páginas de "O Solitário".

"É uma contestação à actual condição humana e aos interesses dos poderosos que levam à desgraça a maioria", afiança Tchalê Figueira que, com recurso a uma linguagem que pode ferir os mais sensíveis, lança um olhar crítico aos valores, ou à falta deles, da sociedade actual, tal como vem fazendo ao longo dos anos com as suas telas. Um sentido crítico que deverá estender-se ao seu segundo livro em prosa, com lançamento previsto ainda para este ano, sob a chancela de uma editora de Coimbra, Portugal.

TSF

C I N E M A

BAIRRO

"A Porta no Chão"



É a história do outrora feliz casamento do famoso autor de livros infantis, Ted Cole (Jeff Bridges) e de Marion, sua esposa (Kim Basinger), que é atingido por uma tragédia. O filme, realizado por Ted Williams e que conta com a participação também da consagrada Mimi Rogers, relata o alheamento de Marion e as infidelidades de Cole, que im-

pedem o casal de fazer a mudança necessária no sentido de uma nova vida.

MINDELO

"Lealdade Traída"



É uma dramática história de um conceituado espião, que se viria a revelar que trabalhava duplamente para a CIA e o KGB. A sua mulher, contra tudo e todos, resolve ir atrás do marido e do amor que um dia os uniu. Uma história de espionagem apaixonante.

PRAIA - "O Tesouro"



Benjamin Franklin Gates (Nicolas Cage) é a terceira geração de uma família de caçadores de tesouro. Toda a sua vida procurou um tesouro que ninguém acreditava existir, formado ao longo dos tempos, transportado por continentes, para se tornar o maior que o mundo já conheceu. Foi escondido pelos pais fundadores dos Estados Unidos da América, que deixaram pistas para ser encontrado e que o levam a um sítio onde ninguém se lembraria de procurar: um mapa escondido no verso da Declaração de Independência. No entanto, conforme a palavra se espalha, Gates é obrigado a fazer o im-

pensável para proteger o tesouro: roubar o documento mais estimado da história americana, antes que caia em mãos erradas. Numa corrida contra o tempo, Gates tem que escapar do FBI e estar um passo à frente do seu inimigo, decifrando as pistas que desvendam o mistério de dois mil anos por detrás do tesouro.

KRIOLIDADI
